



NOTRE DAME

Ano 08

Edição n. 20

Junho/2016

ENFOQUE

Notre Dame

**Escolas
Notre Dame
pensando
no futuro**

**O que estamos
fazendo para um
mundo melhor?**

**Educação para uma
sociedade sustentável**

Educação para uma sociedade sustentável

O tema desta edição da Revista Enfoque traz, para reflexão, “Educação para uma sociedade sustentável” e busca, entre muitas ações, o incentivo ao consumo responsável de bens comuns como a água, o solo, o ar e os valores nas relações humanas. Esse tema proposto vem com a intenção de seguir os passos do Papa Francisco que, em sua última encíclica, Laudato Si, falou justamente sobre o cuidado da Casa Comum – nossa responsabilidade e a Campanha da Fraternidade 2016.

Muitas atitudes de responsabilidade e cuidados com o meio ambiente deveriam partir de nossas casas, mas ainda precisamos criar essa cultura. A Rede Notre Dame tem, em seu compromisso socioambiental, o projeto Sustentabilidade ND, cujo monitoramento diário comprova resultados sólidos de economia e respeito ao meio ambiente. Toda a água utilizada no complexo da Mantenedora, localizada em Canoas, é o resultado do aproveitamento do produto através da coleta por cisternas, poços artesianos e água da concessionária local. Mais ações como o cultivo de hortas orgânicas, alternativas para a redução no consumo de energia elétrica, coleta seletiva e destinação de resíduos sólidos, são realidades há mais de uma década, o que demonstra que o exemplo parte de casa.

Nas oito escolas da Rede ND, as professoras iniciaram trabalhos que saem da teoria para a prática dos alunos. As experiências estão dando certo. Diversos projetos estão colaborando para a solução de problemas específicos e de atuação permanente, estendendo-se às famílias e comunidades.

Os artigos realçam conceitos de sustentabilidade como abrangentes e que merecem análises do “desenvolvimento econômico, industrial, consumismo e o respeito à natureza, que deve ter início nas relações pessoais, com base no respeito mútuo entre as pessoas”.

Na entrevista, buscamos um profissional cuja experiência de fato nos leva a crer em ações verdadeiras sobre respeito e os cuidados com o Planeta Terra. Enfim, apresentamos ao leitor uma diversidade de questões que percorrem discussões sobre consciência, cuidados permanentes, estudos de células, mosquitos e etc, alicerçadas nos valores Notre Dame, para a construção de uma sociedade mais humana e sustentável.

Boa leitura!

Magda Caliari - Jornalista

Escolas Notre Dame

Colégio Maria Auxiliadora

www.auxiliadora.net

Fone: (51) 3462.8600

Canoas - RS

Escola Maria Rainha

www.nd.org.br/mrainha

Fone: (51) 3271.1660

Júlio de Castilhos - RS

Escola Sagrada Família

www.nd.org.br/esafa

Fone: (51) 3547.1261

Rolante - RS

Escola Santa Catarina

www.escolasantacatarinasm.com.br

Fone: (55) 3221.1447

Santa Maria - RS

Escola N. Sra. Estrela do Mar

www.nd.org.br/ensemar

Fone: (53) 3251.1431

São Lourenço do Sul - RS

Colégio Madre Júlia

www.colegiomaju-nd.com.br

Fone: (55) 3233.1180

São Sepé - RS

Colégio Santa Teresinha

www.santateresinha.com.br

Fone: (51) 3542.1328

Taquara - RS

Escola Sagrado Coração de Jesus

www.nd.org.br/escj

Fone: (53) 3255.1209

Pedro Osório - RS

Edição 20 - Ano 8 - Junho 2016

Provincial: Ir. Vânia Dalla Vecchia, **Coordenação:** Ir. Renete Maria Cocco, **Projeto Gráfico e Editoração:** Luciana Severo, **Revisão:** Maria Isabel Rossetti, **Produção:** Equipe Central, **Digital:** Leandro Salenave, **Jornalista:** Magda Caliari, **Capa:** Colégio Madre Júlia, **Impressão:** Algo Mais Gráfica e Editora, **Tiragem:** 5.000 exemplares.

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores.

Preservação e conscientização ambiental



Entrevista com o Engenheiro Agrônomo Carlos Atilio Todeschini

A entrevista da Revista Enfoque é com o engenheiro agrônomo Carlos Todeschini, que tem vasta experiência com questões ligadas à preservação e conscientização ambiental.

O engenheiro ocupa cargos públicos desde 1992 até o momento atual. Palestrou em eventos em cidades como São José na Costa Rica, Vitória no Espírito Santo e Rio de Janeiro. Participou de fóruns e conferências mundiais em: Joanesburgo, África do Sul; Kyoto, Japão; Abruzzo, Sicília e Roma, na Itália; Manila nas Filipinas; Rio de Janeiro; Porto Alegre, entre outras. Recebeu prêmios como o Internacional de Água e Cidades, em Cannes, na França. Ministrou mais de 100 palestras em escolas de diversos municípios e em instituições religiosas e sociais sobre a necessidade de preservação da água e sobre mudanças climáticas.

RE Com o tema da Campanha da Fraternidade de 2016: "Casa Comum, Nossa Responsabilidade", na sua visão, qual seria a nossa responsabilidade como cidadão? Neste caso a "Casa Comum" não seria somente o ambiente (físico) mas os valores humanos.

CT Quando o Papa Francisco concebeu o tema "Casa Comum" foi muito sábio, pois conseguiu sintetizar a ideia de Planeta em uma expressão genuinamente universal.

O Planeta Terra é o único lugar habitável conhecido, pois dispõe de singularidades que possibilitaram a presença de vida, tais como temperatura adequada, presença de água, oxigênio, energia solar e, sobretudo, a biodiversidade presente na era em que vivemos.

Então, do ponto de vista biológico, nós temos um dever: cuidar de tudo aquilo que garante a manutenção e a reprodução da vida em todas as dimensões, assegurando a integridade e o futuro de nosso Planeta.

Em relação à Casa Comum, nosso Planeta Terra, o Papa Francisco também alerta para a necessidade de um novo comportamento ético para com o meio ambiente e a relação entre as pessoas e seus hábitos.

Os valores mais importantes criados pela humanidade e insuperáveis até hoje são: a ética cristã, a democracia universal, a paz social e o respeito à vida. A civilização, também, implica na necessidade de cultivar estes valores elevados, como disse Vitor Serge: "... se o perigo está em nós, a salvação também está em nós...".

RE Com a Campanha Ecumênica 2016 "a fé cristã ilumina a realidade, cria oportunidades para contribuições que vão além dos tempos e dos cultos, impulsionam o contexto social e político rumo a novas direções." Na sua visão quais seriam essas direções?

CT Vejamos, Cristo viveu em uma época de barbárie, num lugar dominado pela corrupção de seu povo e pelo imperialismo romano que dominava o mundo. Para a época, Cristo foi um revolucionário, pois combinava uma mística com as formas de luta dos oprimidos de suas cidades-estado, das tribos e dos lugares.

A coisa mais importante e sábia que Cristo fez foi resgatar os 10 mandamentos de Moisés, que passaram a ser um código de ética universal. Isto foi muito forte e importante, porque reordenou a conduta dos povos, fundamentalmente, em relação ao respeito à vida e ao próximo.

Com o crescimento das bases do cristianismo, o seu fundamento revolucionário foi sendo absorvido, transformado e moldado de modo que pudesse ser palatável pelas elites e poderosos. Desse modo, foi migrando para a mística e a metafísica, não sem a busca de valores filosóficos nos fundamentos do pensamento, enquanto o poder passava a ser algo somente dos dominadores. Cristo mexeu nas posições dos privilegiados e, por isso, morreu crucificado. Também, não foi o único da história a pagar este preço.

Hoje, outras leituras deste tema são feitas e, inclusive, interesses comerciais buscam se valer disso. É o caso da multiplicação de templos mercantis que surgem todos os dias, com a promessa de garantir um lugar no paraíso.

Mas, quando a democracia e a participação passam a integrar as novas formas de partilha do poder, isso remete para o espírito dos primórdios cristãos que, sobretudo, reconhece o seu semelhante e cuida de preservar como um dever ético.



“O Planeta exige atitudes práticas, coerentes, sustentáveis e que estejam presentes na vida e no cotidiano de cada pessoa”

O ser humano é o único habitante do Planeta que se move por ações reguladas externamente por dinheiro, ganância e poder.

O poder é algo inato nos animais e diz respeito ao instinto de sobrevivência, mas o dinheiro e a ganância são elementos próprios da espécie que, muitas vezes, faz com que o ser humano se torne uma ameaça a si mesmo. A ganância e o dinheiro fora de controle fortalecem, desmedidamente, o poder, e isto é um mal.

Por tudo isso, os remédios mais eficazes para enfrentar estas mazelas são a democracia, a transparência e a participação, de forma que o poder também seja partilhado, bem como a consciência social e os valores.

A solidariedade e a paz social devem se incorporar a uma nova cultura e traduzir-se em um dever permanente do conjunto de toda a sociedade.

RE Cite exemplos de ações práticas e fáceis que o indivíduo pode desenvolver em sua casa.

CT As ações práticas, que os indivíduos podem desenvolver e que têm como objetivo a sustentabilidade, são inúmeras. São posturas a cada ato, como: tomada de atitudes e uma nova cultura, onde o ser seja mais importante do que o ter.

Os hábitos de consumo não podem ser ditados pelas tendências de mercado ou pelo consumismo. O Planeta Terra não suporta mais tanta sujeira produzida pela sociedade industrial e pelo consumismo exacerbado. O Planeta exige atitudes práticas, coerentes, sustentáveis e que estejam presentes na vida e no cotidiano de cada pessoa.

Dicas de práticas de sustentabilidade:

- Plantar árvores;
- Consumir com consciência, preferindo alimentos naturais que promovam a saúde e não degradem a natureza;
- Aplicar os 4 Rs (**Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Repensar**);
- Cuidar da água para garantia de qualidade e quantidade;
- Garantir a qualidade do ar;
- Utilizar, sempre que possível, transporte coletivo ou solidário.

RE Existem questões sobre sustentabilidade que tratam de políticas públicas, como por exemplo, a infraestrutura. Como o indivíduo pode atuar/ colaborar/interagir, utilizando o que é oferecido pelo poder público?

CT Na questão da infraestrutura, nós temos várias escolhas que podem fazer a diferença, como por exemplo:

- Realizar escolhas de consumo que independam dos produtos industrializados e dos monopólios;
- Consumir produtos que estejam perto da produção, pois demandam menos energia para a chegada no destino final;
- Estimular o consumo de produtos produzidos pela agricultura familiar, que dependam menos de veneno, de fertilizantes químicos e que mantenham o potencial da biodiversidade genética originária;

- Realizar um esforço permanente para um menor consumo de energia, utilizando mais o transporte coletivo não poluente, ou menos poluente, de forma a manter e melhorar a qualidade do ar e lançar menos gases de origem fóssil na natureza;

- Planejar e organizar as cidades para que sejam menos dependentes de transportes e deslocamentos;

- Acumular, reservar e aproveitar ao máximo a água, através da revitalização das nascentes e do fortalecimento das áreas de preservação permanente;

- Economizar energia elétrica, através da modernização dos equipamentos e das luminárias;

- Separar e reciclar todos os resíduos, de modo a poupar a natureza e devolver ao solo a fração orgânica tratada, prolongando, assim, a vida orgânica do solo que é a fonte de nutrientes para os nossos alimentos;

- Reduzir, reaproveitar e reutilizar todas as embalagens que tiverem condições para tanto;

- Cuidar dos rios, dos mares e dos oceanos que têm sido objetos de todo o tipo de agressão por parte dos indivíduos, das indústrias e dos países, ao mesmo tempo que é uma gigantesca fonte de alimentos e de água para todo o planeta;

- Conectar e tratar, todos os efluentes líquidos poluentes, para que não contaminem os mananciais.

RE Onde começa a responsabilidade com o meio ambiente?

CT A responsabilidade pelo meio ambiente começa desde cedo, no ambiente familiar, como um componente da educação que o indivíduo recebe no lar, uma vez que está no âmbito da formação da pessoa.

Os governos têm a responsabilidade pública de oferecer políticas, infraestrutura e serviços para garantir um ambiente melhor. Porém, para que se atinjam os objetivos, há necessidade de aderência do cidadão, no que se costuma chamar de “fazer a sua parte”, adotando as práticas de sustentabilidade de forma permanente. Por exemplo, se um indivíduo desligar a lâmpada que não está sendo usada, já começa a contribuir para um resultado comum e universal.

Portanto, esta é uma causa possível e muito aquém de outras utopias humanas, pois está fundamentada em ações e práticas diárias e cotidianas, que podem ser adotadas de imediato, aqui e agora, sem restrições por todas as pessoas.

“Os valores mais importantes criados pela humanidade e insuperáveis até hoje são: a ética cristã, a democracia universal, a paz social e o respeito à vida”



Educação para uma sociedade sustentável

A ligação que sedimenta os pilares educação-sociedade-sustentabilidade passa, necessariamente, pela multiplicação de ações ambientais e pela busca dos resultados finais advindos delas.

Alguns Educadores Ambientais e autores da área utilizam-se de um viés catastrófico, quando se referem ao meio ambiente. Instabilidades climáticas, extinção iminente de espécies, enfim, planeta agonizando fatalmente ferido.

Essas abordagens tornam a dialética muito mais fácil, pois não há nelas potencial de ação ambiental que as reverta.

Para a construção e o despertar de uma consciência ambiental que possa diferenciar-se desses argumentos, a educação para uma sociedade sustentável deve ter foco direto na formação de nossas crianças. O aspecto pedagógico, voltado à sustentabilidade, pavimentada, sem sombra de dúvida, o caminho para a verdadeira concepção de formação social-sustentável.

Instruir nossos alunos, utilizando ferramentas que proporcionem a eles uma visão construtiva dessa viável e possível sociedade sustentável, é imprescindível.

Prática e ética também são conceitos extremamente relevantes nesse processo.

A prática, através de atividades didático-pedagógicas, e a ética, atuando calcada em valores cristãos, fazem com que a formação cidadã de nossos alunos ocorra de forma integral.

Educar ambientalmente é poder ter a certeza de que quando nossas crianças forem efetivos atores, na sociedade civil, serão cidadãos com hábitos e condutas morais e ambientais capazes de serem modelos éticos em suas ações.

A conquista de uma sociedade sustentável transita, sobremaneira, na seara educacional, em forma de aceitação de que todos têm sua parcela individual de responsabilidade.

A educação ambiental hoje se apresenta como um pré-requisito para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável, com o objetivo de firmar um pacto ético que tenha como base o respeito pelas mais diversas formas de vida.

Desta forma, o cuidado, categoria intimamente associada ao exercício da prática educacional em meio ambiente, deixa de ser um ato e se transforma numa atitude premente, consciente e comprometida com a promoção da saúde ambiental de nossa sociedade.



Alceone Silveira dos Santos
Educador Ambiental

Consciência urgente!

Maria Isabel Rossetti
Colégio Santa Teresinha

Tantas são as questões e reflexões a serem feitas quando pensamos em “Casa Comum”, partindo da Carta Encíclica Laudato Si, do Papa Francisco. É emergente nos envolvermos neste assunto, assim como tantos pensadores e estudiosos, para sermos protagonistas de uma mudança consciente e inadiável.

Se pensarmos nas nossas crianças, que são o bem mais precioso das famílias - e que deveria ser também da sociedade – agiríamos de maneira diferente e próxima da ideal. Nossa omissão em relação ao descaso com o meio ambiente pode não configurar crime, mas configura culpa, por não colaborarmos para que todas as pessoas tenham seus direitos básicos garantidos.

Quando vemos, provocamos ou somos coniventes com o progresso exacerbado, sem preocupações com o meio ambiente e com a sustentabilidade, estamos, sim, privilegiando procedimentos que, de alguma forma, corroboram com a destruição do nosso Planeta e, consequentemente, do ser humano.

Por falta de cuidados e de investimentos, nossas praças e espaços de convívio são privadas de terem estrutura e segurança que abrigue crianças brincando, pessoas se exercitando e famílias reunidas e em contato com a natureza. Deste contato provém a boa e saudável energia, que tão bem faz à saúde e à alma humana, e que propicia momentos de imaginação e criatividade, afastando, a todos, das telas que provocam dependências múltiplas.

Na prática de educadores, temos o dever de propor formas de cuidado, de prioridades e de preocupação com as consequências das atitudes humanas, que interferem no presente e no futuro. É imprescindível assumirmos compromissos de conservação, de envolvimento e de colaboração para que as pessoas sejam felizes e que o mundo seja, com nossa contribuição, cada vez um lugar melhor para se viver.



O estudo da célula

por meio de modelos didáticos

comestíveis

Fabrizio Luís Lovato
Escola Santa Catarina

Os métodos tradicionais de ensino, prevalentes na maioria das escolas e instituições de ensino superior, inclusive nas disciplinas de Ciências, focam-se na memorização mecânica do conteúdo, o que leva a uma retenção temporária dos conhecimentos, para fins de prova ou avaliação. O processo de ensino-aprendizagem repousa sobre uma transmissão de informações por parte do docente, em um processo passivo onde o aluno expectador não apresenta a própria visão crítica e reflexiva (Mitre et al., 2008). A memorização consiste em uma aprendizagem por interesse, onde se aprende para ser aprovado, o que reduz a real chance de se assimilar o assunto (Pozo, 2000).

De acordo com Borges & Lima (2007), o ensino de Biologia se organiza ainda hoje de tal forma a privilegiar conceitos, linguagem e metodologia deste campo científico, tornando as aprendizagens pouco eficazes para interpretar e intervir na realidade. Além disso, os alunos apresentam dificuldades na compreensão de fenômenos macro (reais e práticos) a partir de modelos conceituais e abstratos, pois as relações entre modelos e fenômenos não são características marcantes dos livros didáticos tradicionais (Maskill & Jesus, 1997).

Para mudar a atual condição do ensino de Ciências no Brasil, o professor deve estar disposto a mudar suas atitudes em relação às metodologias por ele utilizadas. Para isso, pode se valer de procedimentos bastante simples, mas que exijam a participação efetiva do aluno (Brasil, 2006).

Uma das grandes dificuldades no ensino de Ciências é o conteúdo sobre célula, a unidade fundamental que forma todos os seres vivos. De acordo com Palmero (1997), os estudantes têm desconhecimento ou pouca compreensão do nível celular. Além disso, tendem a pensar que célula é uma característica mais presente nos animais do que nos vegetais. Há falta de compreensão sobre as estruturas e funções presentes na célula e dificuldade em pensar em sua tridimensionalidade.



A fim de desenvolver uma aprendizagem significativa sobre o estudo da célula, a turma de 8ª série da Escola Santa Catarina, em Santa Maria – RS, realizou durante o 1º trimestre letivo de 2016, na disciplina de Ciências da Natureza, a atividade intitulada 'MasterChef Célula'. Nessa atividade prática, os alunos foram divididos em equipes e cada equipe produziu um prato comestível – mas como representação de uma célula e de todas as suas estruturas. Eles poderiam escolher se desejariam produzir um prato de doce ou salgado. Todos optaram por pratos doces (bolo, pudim e gelatina).

Foram avaliados a criatividade, a organização, o capricho, a correspondência do modelo com as estruturas trabalhadas em sala de aula e a apresentação. Além do professor de Ciências, estiveram presentes, no dia, a diretora Janete Coutado Colling e a vice-diretora Jaqueline Garske, que participaram da avaliação por meio de questionamentos aos grupos. Os modelos foram fotografados e as apresentações foram filmadas. Na opinião dos alunos, a atividade foi de grande importância para sua aprendizagem, além de produzir interação social entre os alunos e a troca de ideias e conhecimentos durante a sua execução.

Após a apresentação, todos participaram de uma confraternização, onde os alimentos foram saboreados e compartilhados com outros professores e funcionários da escola. Para o professor da disciplina, a atividade se alinha ao referencial da Educação Notre Dame, a qual visa à formação integral de seus alunos. Os professores não devem poupar esforços para transmitir conhecimentos gerais aos alunos, a fim de que eles desempenhem bem seu papel como cidadãos. Além da instrução teórica, as crianças devem ser estimuladas a realizarem atividades práticas e a desenvolverem seus talentos.

Cuidando da Casa Comum

Catia Gonçalves Gowert
Andréa D. da Rocha
Lara Moraes da Costa
Escola Sagrado Coração de Jesus

A Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus criou, no ano de 2016, o projeto **Cuidando da Casa Comum**, com o objetivo de motivar a comunidade escolar a participar de ações concretas sobre os cuidados com o planeta. As turmas da Educação Infantil e as quintas séries envolveram-se para conscientizar os alunos sobre a importância do descarte correto do lixo. A atividade faz parte de ações das aulas de Ciências da Natureza e Ensino Religioso.

Neste projeto são realizadas, também, palestras sobre o descarte correto do lixo e sobre saneamento básico, enfatizando a realidade do município. O educador ambiental Alceone dos Santos, da cidade de Pelotas, participou apresentando vídeos educativos. O professor de Ciências da Natureza, Cristian Cesar Weber Pereira, esclareceu que toda pessoa é responsável pelo saneamento básico de sua cidade.

Os alunos trabalham em outras campanhas como a de coleta e descarte de pilhas e baterias de celulares e a coleta de lacres de latinhas. Essas serão trocadas por cadeira de rodas, que reverterá em benefício de muitas pessoas do município. “Dessa forma, na Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus a educação ambiental é trabalhada, unificando a aprendizagem teórica e a prática educativa, compreendendo a complexidade das relações entre o ser humano e a natureza como parte de um ambiente integrado, que se modifica e se transforma a partir da intervenção humana”, dizem as professoras Catia Gonçalves Gowert - Coordenadora Pedagógica e Andréa Domingues da Rocha e Lara Moraes da Costa, responsáveis pelas campanhas.

Segundo as professoras, é importante ter no ambiente escolar o aluno como sujeito epistêmico, que se constitui nas relações que se estabelecem com o mundo,

com o outro e consigo mesmo, sendo capaz de transformar, de extrair o sentido de suas ideias, e que estas resultem em ações e na produção de teorias acerca delas. “A educação, sozinha, não resolve todos os problemas ambientais, nem é suficiente para mudar os rumos do planeta. No entanto, em muito contribui para formar cidadãos críticos, participativos e responsáveis pelo futuro de nosso planeta”, argumentam.

As professoras explicam que de uma sociedade que incorpora os princípios da educação ambiental e da educação para o desenvolvimento sustentável, se pode esperar que as comunidades usufruam da concreta aplicação destes fundamentos, resultando no despertar da conservação dos recursos naturais.

“A educação, com sua disseminação de valores, mudanças de atitudes e com base em princípios éticos, é um instrumento para enfrentar o desafio a um caminho para uma sociedade sustentável”, concluem.



Vamos pensar melhor?

Preparar para uma sociedade sustentável

Maria Teresa Reginatto Rossato
Escola Maria Rainha

**“Precisamos ter uma educação ambiental
rumo a uma sociedade sustentável,
cultivada no ambiente escolar
e aliada à tecnologia”**

A educação começa na família com solidariedade e sentimento de coletividade, e continua na escola para uma vida em sociedade comprometida para o bem da humanidade. Isso só pode ser possível se todos, juntos, buscarem soluções para os problemas ambientais que enfrentamos no cotidiano, em vários lugares do mundo, não apenas criticando as pessoas, mas também fazendo um questionamento: o que devo mudar para colaborar com as questões ambientais?

Precisamos, indubitavelmente, de uma sociedade menos consumista, menos egoísta e mais preocupada com a consciência ambiental. Para que isso ocorra, devem-se observar as pequenas ações do seu dia a dia em casa, nas ruas, na escola, no convívio com as pessoas, no lazer e nas estradas onde muitas queimadas ocorrem em função do lixo que é colocado pelas pessoas nas margens das rodovias, provocando destruição nas plantações, morte da fauna e da flora. Assim, entende-se que a educação ambiental deva fazer parte do currículo escolar, pois estaremos criando, dessa forma, um planeta em perfeita harmonia.

Primeiramente, se faz necessário entender que a geração atual usufrui da prosperidade material, sem pensar nas gerações dos filhos e netos. As atitudes que tomamos são apenas pensando em deixar bens materiais a eles.

Partindo disso, surge a questão: como os profissionais de educação podem ajudar?

A ajuda pode ocorrer ao se trabalhar na conscientização das pessoas sobre a importância da atuação com ética, nos relacionamentos dos homens entre si e com a natureza, pois há muitas mentes individualistas.

Na atualidade, o progresso da tecnologia oportuniza novas ferramentas aos professores que buscam novos suportes educacionais, como a internet. Nesse processo, surge a construção de cartilhas virtuais, *blogs* e

sites gratuitos preenchendo, assim, uma lacuna no aprendizado de sala de aula. Essa proposta visa maior interação com as tecnologias, objetivando a educação ambiental e a sustentabilidade. Dessa forma, a dinâmica entre os grupos (professores, alunos) deve ocorrer não apenas em espaços como a sala de aula, mas também no ambiente virtual. A internet é bem recebida pelos alunos e, com o professor atuando e direcionando o conhecimento nesses espaços, a aproximação do real aprendizado fomentará a base de um conhecimento autônomo. A expansão permite a todos os usuários da internet as mesmas oportunidades e o acesso a conteúdos construídos pelos próprios alunos e professores.

A educação busca sempre novas fontes de informações e, com esse perfil, as escolas vêm sendo atualizadas constantemente conforme a demanda da sociedade, do mercado e, também, nos últimos tempos, pelas necessidades de um ambiente mais saudável e responsável. Então, precisamos ter uma educação ambiental rumo a uma sociedade sustentável, cultivada no ambiente escolar e aliada à tecnologia.

Deve-se, portanto, oportunizar ações, projeções e resultados para capacitação dos professores, oferecendo cada vez mais formas para que possam ser atuantes e mediadores do conhecimento.

É a partir do comprometimento dos professores para com os alunos, em prepará-los como cidadãos, que surge a urgência de dar suporte adequado e sustentável, objetivando uma sociedade próspera, equilibrada e também autônoma. Assim, teremos pessoas comprometidas e humanizadas.

A educação ambiental é fundamental na sociedade. Sem esse conhecimento e informações, ficaríamos presos à ideia de que reciclar seria o suficiente e não compreenderíamos o porquê de reduzir o consumo ou reutilizar os objetos, repensar valores ou recusar um produto.



Por enfrentarmos problemas de acúmulo de lixo em frente à Escola Maria Rainha após feriados prolongados e finais de semanas, trabalhou-se com os alunos da 6ª série possíveis soluções para esse problema. A discussão e resultados foram muito valiosos, pois os alunos refletiram sobre o seu papel na sociedade e apresentaram soluções coerentes.

Diante do exposto, entende-se que deve haver projetos nas escolas para que não apenas professores e alunos, mas a comunidade em geral tenha oportunidade de obter uma educação ambiental possibilitando, assim, a transformação de algumas realidades.

O mundo sustentável

Reaprender o cuidado com a vida

Sueli Matos
Colégio Maria Auxiliadora

A convivência entre os seres vivos e o meio ambiente, juntos por interesses comuns, complementam uns aos outros. As pessoas descobrem suas habilidades, paixões e propósitos e se sentem encorajadas e empoderadas à medida em que praticam atos de reaprender a cuidar daquilo que move sua vida – a Energia. Sem esta, é impossível qualquer gesto de humanidade e autonomia e a energia é produzida pelos ciclos planetários de reciclagem da Vida.

As pessoas, hoje, precisam agir e transformar a realidade ao seu redor implementando iniciativas de Valor Colaborativo Compartilhado e de impacto positivo na sociedade.

Formar um indivíduo autônomo e sustentável é permitir a participação deste em Comunidades de Aprendizagem Colaborativas. O Colégio Maria Auxiliadora já vivencia este Valor Colaborativo Compartilhado desde 2013, quando certificou seu fazer pedagógico no PEA UNESCO – Programa das Escolas Associadas da UNESCO. Em 2014, sediou o Simpósio Internacional de Pesquisadores Árticos e Antárticos, uma vivência única dos alunos Notre Dame com cientistas do mundo moderno e sustentável, desenhando um novo conhecimento da ciência moderna – aplicada e sustentável. Em 2016, traz ao Brasil o protocolo de Intercâmbio Internacional com o IEC e ICATE – Institutos Europeus de Educação para a Escola Viva e Cidadania.

Os valores que precisam ser energizados positivamente na sociedade são perenes e evoluem com as ações dos indivíduos e o cuidado com o meio ambiente e, assim, todos nós ganhamos. O propósito de um mundo sustentável é a sua missão como ser humano e deverá ser o norte dos bem-aventurados.



Aedes Aegypti

Unidos no combate

Andréia Moro Chiapinoto
Escola Santa Catarina



Conhecer para cuidar

Monia Jaqueline Ghesla
Colégio Santa Teresinha

Os alunos da 3ª série, estudaram o ciclo de vida do mosquito *Aedes Aegypti* e os perigos de manter água parada, em função da tríplice viral (Zika Vírus, Dengue e Febre Chikungunya).

Os estudos foram ilustrados com cartazes contendo dicas para combater o mosquito e com a confecção de mosquitos *Aedes Aegypti*, feitos com material reutilizável. Através da atividade lúdica e artística, os alunos vivenciaram sobre a importância de cada um fazer a sua parte e mobilizar os familiares e amigos no combate ao mosquito.

Com o envolvimento da atividade escolar, o setor educacional alcançou um público abrangente de pessoas, considerando os estudantes, familiares, professores e funcionários. “Por isso, as instituições de ensino são importantes centros de mobilização e conscientização da comunidade escolar para o combate à proliferação do mosquito”.

É importante destacar, também, a necessidade do cuidado permanente com a erradicação dos criadouros do mosquito. “Espera-se que o conhecimento adquirido em sala de aula sirva para promover iniciativas onde o tema continue em discussão na sociedade”.

A turma 171 do Colégio Santa Teresinha está mobilizada na captura e observação dos mosquitos *Aedes Aegypti*. A prática da atividade consiste na distribuição de diversos copinhos, em lugares estratégicos, no pátio do Colégio. Os alunos, ao estudarem sobre a interferência do clima no ciclo de vida dos mosquitos, deram-se conta de que, com as temperaturas baixas entre 10°C a 18°C, devem se preocupar com as gripes que afetam a comunidade e que não podem se “bobear” com o mosquito.

As mídias jogaram diversas informações sobre Zika, Dengue, gripes e outros assuntos nos últimos meses. Às vezes, parece óbvio que a população saiba e esteja envolvida nas medidas de prevenção. Mas será que isso realmente acontece? Será que todos entenderam a mensagem, ou apenas a escutaram?

Assim é na sala de aula. Quando alguns assuntos são trabalhados somente com teorias, sem apresentar algum problema real, os alunos ouvem, mas não entendem e, desconhecendo o assunto, não cuidam do meio em que estão inseridos. Este foi o motivo de incentivar os alunos a observarem o mosquito *Aedes Aegypti* de uma forma diferente.

A distribuição dos copinhos em lugares estratégicos, no pátio do Colégio, foi no intuito de aproveitar a chuva para enchê-los. Após, os alunos fizeram observações procurando larvas do mosquito. Este trabalho está no início, mas a proposta é esta: assim que os mosquitos depositarem seus ovos, vamos cobrir os copinhos com tule e observar todo o processo de formação de um mosquito adulto. Por enquanto, não houve nenhum vestígio dos ovos, mas estamos semanalmente averiguando os copinhos, como se eles fossem parte do ambiente.

A atividade que envolve os alunos no combate ao mosquito *Aedes Aegypti* também está contribuindo para o estudo do método científico, pois vários fatores esperados e inesperados estão sendo observados ao longo dos estudos, o que acontece em pesquisas por este mundo afora. Também, penso que os alunos levarão este conhecimento para o seu dia a dia, conscientes de todo o processo e assim, serão dispersores de boas sementes.



Os ursos polares não comem pinguins:

José Xavier

Prof. do Instituto de Pesquisas da Universidade de Coimbra
PhD da Universidade de Cambridge em Biologia Marinha

e então?

Imagina um urso polar. E agora tenta um pinguim. Por que será que um não come o outro? Esta e outras perguntas têm sido essenciais para transferir conhecimentos básicos sobre geografia, biologia, física e até línguas nas nossas escolas. Como biólogo marinho a estudar estes animais na Antártida desde 1997, tenho ido a inúmeras escolas a mostrar que os cientistas podem não ter óculos fundos de garrafa, podem não usar sempre a bata de laboratório e que também podem adorar seguir o nosso Sporting, Benfica ou Porto (ou qualquer outro clube). Sim, os cientistas também têm sentido de humor, podem ser simpáticos e a nova geração de jovens cientistas prova isso.

Agora já não são só os documentários da BBC a falar da natureza. São os nossos próprios cientistas que vão a áreas remotas do planeta, como o Ártico e a Antártida, para desvendar questões importantes para a ciência e para a humanidade. Nas escolas, menciono que também os alunos podem seguir a carreira que desejam, só precisam estudar com vontade. Para ser cientista, ou qualquer outra profissão, é importante gostar muito do que se faz, mas é tão importante ser bom também, e ter espírito de sacrifício e muita dedicação. O papel dos pais, dos avós e demais pessoas da família, da escola e da sociedade são muito importantes. Evidencio nas palestras que, apesar de querer ser jogador de futebol, também tentava tirar boas notas na escola, e que foi muito importante dedicar-me a todas as disciplinas. Como biólogo marinho, foi essencial ser bom na

biologia, mas também no inglês (como falaria com os meus colegas estrangeiros?), na matemática (como analisaria os meus dados?), na educação física (como poderia trabalhar na Antártida se não estivesse em forma?) e em todas as demais disciplinas. Ainda hoje reencontro conceitos de matérias dadas nas aulas, que só agora compreendo serem importantes para o que faço. O segredo é incutir nos nossos filhos/netos/bisnetos que não basta gostar, é preciso ser bom também. A minha avó sempre dizia que “o conhecimento não ocupa espaço, e ele irá sempre contigo e ajudar-te-á todos os dias...por isso, toca a estudar!”. E para se ser bom é preciso dedicação e trabalho, tal como o Cristiano Ronaldo que treina mais que os outros...dando sempre o seu melhor.

Deves estar ainda curioso(a) para saber: por que é que os ursos polares não comem pinguins? Bem, os ursos polares vivem na região Ártica do nosso planeta e os pinguins só vivem no hemisfério sul. Resumindo: eles vivem em partes diferentes do planeta, daí não ser possível os ursos polares comerem pinguins.

Através da ciência que faço, e dando exemplos como este acima, pretendo transmitir os valores que a escola e a sociedade deverão transmitir às gerações mais novas. Ao fim das palestras, nada me deixa mais feliz do que ouvir que “eu quero ser é engenheiro! Mas agora sei que, para conseguir, vou ter de estudar tudo!”.



Educação para uma sociedade sustentável

O exemplo começa em casa

Comunicação e Marketing
Rede Notre Dame

Desde o ano de 2002 o complexo da Associação Notre Dame, localizado na avenida Guilherme Schell, 5888, no município de Canoas, está operacionalizando o projeto Sustentabilidade ND. Este caracteriza-se por diversas ações voltadas aos cuidados com a utilização correta da energia e da água. Pensando em aproveitamento, no ano de 2008 construiu uma cisterna e uma caixa d'água que comporta o armazenamento de 98 mil litros de água da chuva. “Quando começamos os investimentos, tínhamos dificuldades com o abastecimento de água. Nos damos conta que poderíamos aproveitar a quantidade de água da chuva que era desperdiçada. Resolvemos armazenar e utilizá-la para as atividades que não exigem água tratada. Já tínhamos também poços artesianos há mais de 50 anos”, explica a diretora Financeira da Associação Notre Dame, Irmã Amélia Guerra, que diz ser um crime usar a água tratada para lavar carros, calçadas e regar os jardins.

Com os incrementos cada vez mais focados na sustentabilidade, o setor de Patrimônio da Associação ND, sob a supervisão do administrador Nestor Foresti, acompanha e monitora diariamente o projeto. O relatório realizado até o ano de 2015 registra o que a comunidade ND já contribuiu com a economia, reduzindo os gastos com: energia elétrica, através da substituição de lâmpadas e aproveitamento da energia solar; diminuição no consumo de água tratada, proveniente da concessionária local e incremento no aproveitamento da água da chuva e dos poços artesianos; recolhimento e separação de resíduos sólidos; desenvolvimento de hortas orgânicas, cujos produtos são utilizados para a preparação dos alimentos do turno integral, de alunos do Colégio Maria Auxiliadora e também para o consumo do público interno da mantenedora. Os investimentos foram significativos, com o objetivo de recuperá-los com o passar dos anos. Tendo em vista a mudança de comportamento sobre os cuidados com o meio ambiente, consideramos que o projeto tem sido assertivo e exitoso.

O projeto foi subdividido em seis eixos principais:

Coleta seletiva e destinação adequada de resíduos sólidos

O relatório de 2015 registou que houve o incentivo no incremento, especialmente no setor de Manutenção e Serviços Gerais, da coleta seletiva de metais, papelão e plástico, oferecendo-se destinação correta dos resíduos sólidos descartados por todo o complexo ND. Todo resíduo orgânico miúdo dos jardins (folhas, etc) foi destinado à compostagem da horta orgânica, ou depositado na área de mata nativa existente. Os demais dejetos foram encaminhados ao Eco Ponto mantido pela Prefeitura Municipal, num volume estimado em 250m³, ao longo de todo ano 2015. Cerca de 500 lâmpadas fluorescentes foram encaminhadas a empresas especializadas de descarte e reciclagem. Em 2015, a Mantenedora aderiu, também, ao programa Recicle Mais Pague Menos, da Concessionária de Energia local (AES Sul). O mesmo prevê que a entrega de material reciclável (plástico, metal, etc.) seja convertida em desconto na conta de luz. Foram encaminhados ao posto de coleta cerca de 1.000 Kg de material reciclável, que reverteu em desconto, nas contas de energia elétrica, o valor de R\$ 439,35.

Horta orgânica

A horta está localizada no centro de Canoas, praticamente ao lado da estação de trens, a Trensurb/Canoas. A área é pequena, pouco mais de 100m² e, apesar de não suprir todas as necessidades de consumo das casas que a circundam, apresenta-se como um sinal de harmonia com a natureza, em meio às construções. É irrigada com água coletada das calhas em dias de chuva e com água do poço artesiano situado no seu centro; utiliza como fertilizantes o húmus, proveniente da trituração e compostagem de resíduos orgânicos coletados nos jardins, ou matéria orgânica extraída da área de mata nativa próxima. Uma fonte de economia e alimentação saudável.



Aproveitamento de água da chuva

Todo o complexo conta com quatro depósitos de coleta de água da chuva, que somados têm uma capacidade de 98.000 litros de estocagem de água, captadas nas calhas dos prédios da Província, do Recanto Aparecida e no calçamento do Colégio Maria Auxiliadora. As águas coletadas passam por um filtro antes de serem armazenadas e são utilizadas para regar os jardins e a horta, como também para a primeira lavagem de roupas da lavanderia. Estima-se que o total de água potável poupada, após a implantação desse sistema, seja da ordem de 1.000.000 litros/ano. Para termos maior precisão, foi instalado um hidrômetro na entrada da lavanderia, o que permitiu termos a informação de que, somente em 2015, foram utilizados 615.000 litros de água procedente da chuva, o que representou 3,75% de toda a água consumida no ano.

Uso de fontes alternativas de captação de água - poços artesianos

Três poços outorgados pelo Departamento de Recursos Hídricos da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, através das Portarias 409, 410 e 411 de 2007, produziram em 2015 mais de 80% da água potável consumida em todo o complexo ND. Junto com a água proveniente da chuva, isso permitiu uma economia superior a R\$ 100.000,00 no ano 2015. Todo o processo de captação e tratamento das águas é monitorado com análises diárias, mensais e semestrais dos parâmetros exigidos pelo Ministério da Saúde, sendo que todo o processo é supervisionado por uma empresa especializada.

Substituição de lâmpadas para reduzir o consumo de energia

Em 2015, foi dado continuidade ao processo de substituição de todas as lâmpadas incandescentes e fluorescentes por lâmpadas LED, que apresentam maior durabilidade e, principalmente, maior economia de energia. Ao longo de todo o ano foram instaladas mais de 500 novas lâmpadas LED em substituição das antigas, em todo o complexo ND. A ação permitiu uma redução significativa no consumo de energia utilizada para iluminação, especialmente das salas de aula. Em comparação ao ano de 2014, tivemos em 2015 uma significativa queda de consumo que foi motivada, sobretudo, por um ano de temperaturas mais amenas e que não exigiram tanto a utilização do ar condicionado, mas que certamente também contribuiu. O resultado mais significativo foi com a substituição de lâmpadas.

Aquecimento solar de água para cozinhas e piscina da Residência Santa Júlia e Recanto Aparecida

O aproveitamento da energia solar como fonte alternativa para aquecer a água do banho, das copas, cozinhas e da piscina térmica permitiu uma considerável economia no uso do gás e energia elétrica para a mesma função.

Os painéis que captam o calor do sol, instalados nos telhados da Residência Santa Júlia e do Recanto Aparecida, permitiram uma economia de 40% no uso do gás e energia elétrica, especialmente durante o período de outono e inverno, quando o consumo é bem maior. Os mais de 100 m² de painéis solares instalados permitiram uma economia média de 30Kg GLP e/ou 500Kw de eletricidade para cada dia em que foram acionados plenamente, dependendo das condições de exposição ao sol.

Sair de si mesmo rumo ao outro

Antônio Luiz de Moraes
Colégio Maria Auxiliadora

Entrou em vigor, no dia 6 de fevereiro de 2016, a **Lei Federal nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. A nova Lei estabelece, no seu artigo 1º, a instituição do Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) em todo o território nacional. Cabe destacar que essa Lei valoriza mais o aspecto educativo do que o punitivo. Nesse sentido, a escola é convocada a promover campanhas educativas de prevenção e combate ao bullying. Com o slogan **#EmpatiaSimBullyingNão**, o Colégio Maria Auxiliadora, em primeiro lugar, declara que é contra toda e qualquer forma de intimidação sistemática (bullying). Em segundo lugar, declara-se engajado na campanha nacional de conscientização, prevenção e combate ao bullying. Declara, por último, que acredita no seu protagonismo na educação de atitudes e qualidades positivas, que além de desenvolver relações sustentáveis, podem prevenir e combater o bullying na escola, de maneira bastante eficaz.

O que é o bullying e o cyberbullying?

Bullying é uma palavra de origem inglesa que significa intimidação. Vem de *bully* – valentão, tirano, brigão. O bullying é definido, pela nova Lei, como a prática de atos de violência física ou psíquica exercidas intencional e repetidamente, por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir, causando dor e angústia à vítima. O cyberbullying é definido pela intimidação sistemática na rede mundial de computadores (internet), usada com o objetivo de depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais, também com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social à vítima.

Em ambos os casos – bullying e cyberbullying – o que vai configurar a prática da violência é, essencialmente, a intenção e a repetição do ato, de acordo com Pinheiro (2016). O arrependimento e a retratação imediata de quem cometeu o ato são demonstrações de que não havia a intenção. No entanto, se houver repetição do ato, o entendimento é de que, se a pessoa repetiu, foi porque errou por querer, isso é, fez de caso pensado, premeditado.

É importante ressaltar que o cyberbullying é ainda mais grave que o bullying, em função do caráter de perpetuidade e de irreversibilidade das ações praticadas na internet. Todo conteúdo digital, depois de postado e compartilhado, espalha-se de maneira muito rápida e nunca mais desaparece por completo.



A escola no contexto da nova Lei

A nova Lei exige que toda e qualquer instituição de ensino (independente do nível) promova campanhas de conscientização, prevenção e combate ao bullying. A nova Lei confere grande importância ao aspecto educativo, sugerindo que se evite, tanto quanto possível, a punição dos agressores; que se privilegie mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança do comportamento hostil. É dever da escola promover campanhas educativas, visando apresentar soluções que evitem esse tipo de ocorrência, embora não se afaste a possibilidade de responsabilização legal diante de casos cuja gravidade exija.

As campanhas educativas justificam-se porque muitos jovens acham que sofreram e sofrem bullying, porém confundem o fenômeno com atos de violência pontuais que não se caracterizam necessariamente como bullying. Muitos acreditam, equivocadamente, que tudo é bullying. Por isso, é importante esclarecer, informar e orientar toda a comunidade escolar.

Sair de si mesmo rumo ao outro

O fenômeno bullying, a meu ver, faz parte de um fenômeno bem mais amplo, presente nas sociedades contemporâneas, fortemente denunciado pelo Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'*: a autorreferencialidade. Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, torna-se difícil, a elas, aceitar que os outros lhes assinalem quaisquer limites. Nesse contexto, regras serão respeitadas apenas na medida em que não se contrapõem às necessidades próprias e imediatas.

Goleman e Senge, em *O Foco Triplo*, afirmam: “Uma visão tão ampliada, de como os outros se sentem e veem o mundo, age como antídoto a uma visão unidimensional das demais crianças, capaz de levar a estereótipos ou bullying”. (2015, p. 48). Assim, penso que se faz oportuno o estudo mais apurado da palavra empatia e das atitudes e qualidades positivas a ela relacionadas.

Empatia é a capacidade de compreender o sentimento ou reação de outra pessoa, imaginando-se nas mesmas circunstâncias. A empatia coloca-nos “dentro” do sentimento do outro. Com a empatia entramos em sintonia com as pessoas que nos cercam. Ações presentes no bullying, ao contrário, são ações que indicam que aquele que as pratica só consegue pensar em si mesmo, encontra-se isolado em sua própria consciência, fora de sintonia com aqueles que o cercam.

O Papa Francisco ressalta que sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem essa capacidade não se consegue reconhecer às outras criaturas o seu valor. O desenvolvimento da capacidade empática nos ajuda a romper com a autorreferencialidade e a ir em direção ao outro. Nesse entendimento, mirando o universo escolar, a criação e o cultivo de regras com foco no bem comum, implica esse “sair de si mesmo rumo ao outro”. As regras e o seu zeloso exercício cotidiano, portanto, não são mero capricho, mas importantíssimo meio para o desenvolvimento da capacidade empática e edificação de relações sustentáveis. Somente uma educação fundada em relações sustentáveis é que poderá oferecer as condições de possibilidade para a construção efetiva de uma sociedade sustentável. Creio que esse é um movimento importante, necessário e urgente para a educação, prevenção e combate ao bullying na escola, em todas as suas formas.



REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 13.185**, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying).

FRANCISCO, Papa. ***Laudato Si'***, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo, Paulus, Edições Loyola, 2015.

GOLEMAN, Daniel; SENGE, Peter. **O Foco Triplo**. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro, Objetiva: 2015.

PINHEIRO, Patrícia Peck. **A Nova Lei do Bullying** e como fica a responsabilidade da escola quando ele ocorre entre alunos por WhatsApp. Seminário Relacionamento Escola-Família na Era Digital, março de 2016, via web.

Características de alunos envolvidos em Bullying, segundo Liane Koffke, (Mestra em Ciências da Educação):

Segundo a ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (1988), seja qual for a atuação de cada indivíduo, algumas características podem ser destacadas, como relacionadas aos papéis que venham a representar: os alvos de Bullying que servem de “bodes expiatórios” para um indivíduo ou grupo. Os alvos ou as vítimas são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as consequências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto e têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com frequência ou abandonam os estudos. Há jovens que entram em depressão e podem acabar tentando ou cometendo o suicídio. O fato é que o Bullying se alimenta do silêncio das vítimas. Existem as vítimas provocadoras que provocam reações agressivas, contra as quais não conseguem lidar com eficiência. Os alvos/autores de Bullying – são os alunos que ora sofrem, ora praticam Bullying. Os autores de Bullying – são os alunos que só praticam Bullying, estes são os bullies, aqueles que adotam comportamentos abusivos. Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia e frequentemente, pertencem a famílias nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram praticamente tudo ou oferecem como modelo o comportamento agressivo ou explosivo para solucionar conflitos. Admite-se que os que praticam o Bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e/ou violentos e poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento antissocial adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho (Workplace Bullying). Sinalizam envolvimento, mais tarde, em atos de delinquência, delituosos ou criminosos. Existem ainda as testemunhas de Bullying que são os alunos que não sofrem e nem praticam, mas convivem em um ambiente onde isto ocorre. Assistem a tudo, calados, sofrendo as consequências, dão força aos bullies podendo tornar-se seguidores. São representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”.

Educação para a sustentabilidade

Adriana Regina Corrent

Engenheira Agrônoma, Doutora em Fitotecnia pela UFRGS, Professora no IFRS Campus Rolante.

Jeferson Mateus Dariva

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Produção Vegetal no Semiárido pela Unimontes, Professor no IFRS Campus Rolante.

Nossa casa, o Planeta Terra, tem sofrido, sucessivamente, intensos ataques aos seus sistemas naturais, a maioria ocasionados ou potencializados pela própria ação humana. A crescente industrialização, o aumento populacional e a suposta necessidade de aumento das áreas cultivadas para a produção de alimentos levam à degradação das paisagens naturais, de forma rápida e muitas vezes irreversível. Nós estamos a cada dia mais apressados e conectados às tecnologias que, ao invés de bem-estar, muitas vezes nos trazem angústias e preocupações, criando “vazios existenciais” por não conseguirmos ter acesso a todos os produtos e serviços em constante oferta, nas mais diversas mídias.

Crianças e jovens também aderem cada vez mais cedo ao mundo tecnológico, independentemente de sua idade e, cada vez mais precocemente, são estimulados ao consumo, por diferentes meios, sendo envolvidos pelo sentimento do querer ter, em contraponto ao querer ser. A correria diária e a violência crescente também têm afastado muito as nossas crianças da convivência com o meio onde habitam. A “falta de tempo” dos pais faz com que, cada vez mais, os filhos fiquem parados na frente de aparelhos digitais, ou saiam para atividades em lugares completamente artificiais, como por exemplo, os shoppings centers. A diminuição das relações entre homem e natureza, homem e suas culturas, exige que a escola assuma uma mudança na sua estratégia de ensinar a pensar no futuro.

Diante deste cenário, precisamos nos questionar e encontrar formas de preparar as gerações futuras para conciliar o desenvolvimento econômico com a sustentabilidade social e ambiental. Mas, podemos nos questionar sobre: o que é realmente sustentabilidade?



Uma resposta interessante pode ser dada pelo conceito de sustentabilidade do educador Gadotti:

“sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação renove seus velhos sistemas, fundados em princípios e valores competitivos. Introduzir uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares é essencial para que elas sejam mais cooperativas e menos competitivas (2010, p. 27).”

A partir do conceito de sustentabilidade, surgem novos questionamentos:

- De que forma podemos construir um ambiente educacional com novos olhares para a sobrevivência do planeta?
- Como podemos multiplicar a cultura da preservação ambiental e orientar nossos educandos para que atuem como sujeitos das transformações necessárias?

Nesse contexto, os diferentes atores no cenário educacional (famílias, educandos, educadores, funcionários de apoio, diretores, orientadores pedagógicos e representantes da comunidade) precisam rever sua prática educativa e ressignificar suas experiências. Não é possível educar para a sustentabilidade somente reservando dias, horários e disciplinas específicas para este fim (Tomchinsky, J. 2012). O desafio é justamente construir uma gestão e um currículo que tenha a sustentabilidade como base para o processo educativo, onde a partir de elementos naturais do nosso meio social, ambiental e econômico, possam ser abordados os diferentes conteúdos curriculares.

É preciso reencantar crianças, adolescentes, jovens e adultos para que reconheçam seu pertencimento ao Planeta. Não se aprende a amar o Planeta e toda sua biodiversidade apenas lendo livros ou dentro de uma sala de aula convencional. As vivências são fundamentais. É necessário 'ler' o mundo!

Na prática, o processo de educação para a sustentabilidade pode iniciar com ações e reflexões simples, as quais podem ser inseridas no cotidiano da escola e de todos os que dela fazem parte, integrando os educandos novamente ao seu meio de vida. Por exemplo, é importante que se reflita sobre: Como são produzidos nossos alimentos? Quais as condições de trabalho das pessoas que produzem nossa comida? Estes questionamentos simples podem revelar inúmeras situações de agressão ao meio ambiente e problemas sociais, bem como podem despertar nos estudantes o interesse pela busca de soluções. Uma caminhada pelas ruas do entorno da escola, a condução de uma horta escolar e a manutenção de um jardim também podem ser ações simples que devolvem o contato com o meio ambiente e fortalecem as relações interpessoais, estimulando trocas, doações, cooperação e associação, em detrimento da competição. Vamos desligar nossos tablets, celulares e televisões e nos conectar com a natureza?

Precisamos nos sentir parte responsável pelas mudanças que resultarão em processos de preservação. É urgente conhecer mais sobre nossa escola, nosso bairro, nossa cidade e sobre como transformá-los em um lugar de vida pacífica em comunidade.

“A diminuição das relações entre homem e natureza, homem e suas culturas, exige que a escola assuma uma mudança na sua estratégia de ensinar a pensar no futuro”

Referências Bibliográficas

Gadotti, Moacir. **A Carta da Terra na educação** - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. - (Cidadania planetária 3);

Tomchinsky, Julia. **Educar Para a Sustentabilidade é Desafio das Escolas.**

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/> acesso em 06 de maio de 2016.

Casa Comum, nossa responsabilidade

Irmã Edinete Maria
Colégio Madre Júlia

Na vivência da Quaresma e do aprendizado da Campanha da Fraternidade 2016, o Colégio Madre Júlia possibilitou a toda a comunidade escolar o aprofundamento do tema: “Casa comum, nossa responsabilidade!”

O tema proposto pelo Papa Francisco permite reflexões sobre a atenção que devemos dar aos direitos como o saneamento básico, respeito pelo indivíduo, responsabilidades com o meio ambiente para a preservação do Planeta Terra e exemplos de ações e valores que devemos deixar para as futuras gerações, partindo da mudança de comportamento e da criação de uma cultura de sustentabilidade.

Esse aprendizado culminou nas celebrações pascais vivenciadas na Semana Santa. No dia 24 de março, quinta-feira santa, os alunos reuniram-se no salão de atos para festejar a vida plena, dom de Deus para toda a humanidade por meio da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus de Nazaré!

Nos turnos da manhã e da tarde, os estudantes do Maju, juntamente com alguns pais, tiveram a oportunidade de participar de celebração em louvor a Deus pela graça de nossa redenção.

No segundo momento, foi a vez das professoras e professores, juntamente com os funcionários do Madre Júlia, participarem, junto com a Comunidade das Irmãs de Nossa Senhora, de uma bela celebração e de um saboroso lanche, degustado na casa das Irmãs.



A importância das

Vanusa M. Souza
Escola Maria Rainha

aulas práticas

“ As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos”

As transformações pelas quais a humanidade passou durante o século XX geraram consequências profundas na sociedade, tornando necessária a adequação do sistema educacional a esse novo contexto. As novas metodologias de educação devem fazer uma relação entre o que é aprendido na sala de aula com aquilo que o aluno vivencia em seu dia a dia. No que diz respeito ao ensino de Ciências Naturais, observa-se que, de modo geral, os alunos têm enfrentado dificuldades na assimilação dos conteúdos nessa área do conhecimento. É provável que tais problemas ocorram devido à ausência de atividades práticas nas aulas de Ciências, no Ensino Fundamental.

As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos. Além disso, servem de estratégia e podem auxiliar o professor a retomar um assunto já abordado, construindo com seus alunos uma nova visão sobre um mesmo tema. Quando compreende um conteúdo trabalhado em sala de aula, o aluno amplia sua reflexão sobre os fenômenos que acontecem à sua volta e isso pode gerar, consequentemente, discussões durante as aulas, fazendo com que os alunos, além de exporem suas ideias, aprendam a respeitar as opiniões de seus colegas.

As aulas práticas de Ciências e Biologia proporcionam grandes espaços para que o aluno seja atuante, cons-

trutor do próprio conhecimento, descobrindo que a ciência é mais do que mero aprendizado de fatos. Através de aulas práticas, o aluno aprende a interagir com as suas próprias dúvidas, chegando a conclusões e à aplicação dos conhecimentos por ele obtidos, tornando-se agente do seu aprendizado.

As atividades podem ser feitas através de trabalhos em campos, laboratórios, computadores, museus, filmes, jogos e etc.

No entanto, no ambiente de laboratório, as aulas podem despertar maior curiosidade e, consequentemente, o interesse do aluno, visto que a estrutura do mesmo pode facilitar, entre outros fatores, a observação de fenômenos estudados em aulas teóricas. O uso deste ambiente também é positivo quando as experiências estão situadas em um contexto histórico-tecnológico, relacionadas com o aprendizado do conteúdo, de forma que o conhecimento seja testado e argumentado, para enfim acontecer a construção de ideias. Além disso, os alunos têm a oportunidade de interagir com as montagens de instrumentos específicos que, normalmente, eles não têm contato em um ambiente com um caráter mais informal do que o ambiente da sala de aula (BORGES, 2002).

No Ensino Fundamental, o ensino de Ciências não visa formar biólogos, físicos e químicos, mas aproximar os alunos do saber científico e fazê-los pensar sobre os fenômenos naturais e o uso da tecnologia.



Descascar mais, desembalar menos

**Cultivando, experimentando e
aprendendo mais sobre a importância
de uma boa alimentação!**

**Alessandra Jaeger
Escola N. Sra. Estrela do Mar**

Em qual lixeira eu coloco, profe? Em qual delas vão as cascas?

A pergunta veio do Santiago, 3 anos, e fez a professora pensar muito para responder. Pensar, não só para escolher em qual lixeira ele deveria pôr a casca de banana que tinha em suas mãozinhas, mas, também, para responder uma nova pergunta que, nesse momento, surgiu em sua cabeça: Como não deixar isso se perder em meio a tantas atividades, brincadeiras e conteúdos a serem desenvolvidos? Como valorizar o que o aluno já sabe e compartilhar com os colegas, com as outras crianças da escola e, quem sabe, também com as famílias e a comunidade?

Naquele momento, eram duas as perguntas a serem respondidas. Foi preciso responder primeiro ao Santiago, pois ele ainda aguardava uma orientação. E não seria justo dizer a ele “tanto faz” ou “em qualquer uma”, ainda que as duas lixeiras fossem exatamente iguais e ambas estivessem vazias. A professora, então, indicou a lixeira que estava a sua direita e ele colocou a casquinha da banana lá dentro. Pronto, primeiro problema resolvido.

Já a segunda questão era um pouco mais complexa, daquelas que ficam martelando na cabeça da gente. As crianças da turma Nível I, da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar, ainda são muito pequenas, porém, muito curiosas e adoram fazer novas descobertas. Logo, fazer a separação simples dos lixos seco e orgânico sem dar a essa atividade um propósito maior, além de apenas identificar a lixeira correta, faria desta, apenas, mais uma ação rotineira e perder-se-ia uma grande chance de estimular a conscientização ambiental dos pequenos.

Mas, o que fazer então? Por onde começar? O primeiro passo foi identificar as duas lixeiras da sala. Como as crianças ainda não aprenderam a ler, a identificação através de imagens acabou funcionando muito bem. Uma lixeira foi identificada com imagens de frutas e suas cascas e



a outra com imagens de embalagens de alimentos como iogurtes, pacotes de bolacha e salgadinhos. Foi um bom começo separar o lixo produzido no lanche, afinal, este é um momento que oportuniza estimular a autonomia dos pequenos, seja na hora de organizar suas mesas, guardar seus pertences, como também na hora de descartar corretamente o lixo que produzem. E aí, um fato chamou a atenção: a quantidade de potes, embalagens e pacotes era sempre muito maior do que a quantidade de cascas e sementes de frutas.

Em nossa rotina, duas vezes por semana, temos o “momento da fruta”, momento no qual maçãs e bananas imperam como frutas preferidas da maioria das crianças (e as únicas que acabam levando na lancheira). A escola incentiva uma alimentação saudável e inclusive envia às famílias, na agenda, uma sugestão de cardápio. As famílias, por sua vez, se esforçam para que o lanche seja sempre variado e o mais saudável o possível. Mas, e as crianças? Sabemos que esse é um período em que elas ainda estão descobrindo se gostam ou não de certos alimentos. Estariam elas, então, dispostas a experimentar novos alimentos e, quem sabe, variar o cardápio de frutas das suas lancheiras?

Partindo desta observação, iniciamos, então, o projeto “Descascar mais, desembalar menos”, com foco na experimentação de alimentos naturais e redução do consumo de produtos industrializados pelas crianças. Em sala, conversamos sobre o tema da Campanha da Fraternidade - “Casa comum, nossa responsabilidade” – e sobre o quanto a turma já está fazendo sua parte em casa e na escola para cuidar do meio ambiente. Depois, partimos para a primeira etapa do nosso projeto em parceria com a Irmã Sílvia, que está construindo uma pequena horta em nossa escola e solicitou a colaboração do Nível I quando soube que iríamos construir uma composteira para depositar o lixo orgânico que produzimos em sala. Ela irá

utilizar o composto orgânico e o chorume, produzidos na nossa composteira, para adubar a horta. E nossa turma, além de ajudá-la a plantar, poderá colher alface (para incrementar um delicioso sanduíche que iremos fazer) e também temperos (que poderão ser levados para casa). Para a segunda etapa, que será realizada no início do segundo trimestre, contaremos com a colaboração de uma mãe da nossa turma, que é nutricionista e irá conversar sobre a importância das frutas e verduras para a nossa saúde e para o bom funcionamento do nosso corpo. Também contaremos com a ajuda de um pai que é Chef e nos ajudará a executar uma deliciosa receita em uma aula de culinária muito divertida! Além disso, estão previstas atividades que estimulam os cinco sentidos (experimentação, toque e cheiro dos alimentos às cegas), gráficos que indicam as preferências alimentares das crianças e produção de tintas e corantes naturais. A culminância do projeto se dará através da criação de um pequeno folder onde constarão dicas importantes sobre os alimentos que conhecemos e também algumas das receitas que fizemos em aula.

É notório que, atualmente, as crianças são o público alvo de muitas campanhas que incentivam o consumo de roupas, brinquedos, eletroeletrônicos e, também, alimentos que são ricos em açúcar, corantes e outras substâncias que, disfarçados de princesas, bonecas maquiadas e super-heróis invencíveis, apesar de não trazerem nenhum benefício à saúde, são amplamente adquiridos pelas famílias devido ao enorme apelo comercial. Logo, sabendo da importância que uma boa alimentação exerce sobre o processo de aprendizagem, faz-se necessário, cada vez mais, que nós professores estejamos atentos a necessidades como esta, para as quais as indústrias não têm nada a oferecer, mas que, em contrapartida, fazem muita diferença no desenvolvimento das crianças.



Campanha

Lacres de latinhas de alumínio

Janet Copello Valentini
Elisangela Philereno Winter
Colégio Santa Teresinha

O Colégio Santa Teresinha há muito tempo está engajado na Campanha do Lacre, promovida pelo Rotary Clube de Taquara. Através do aluno André Turmina Haubert e de sua irmã Antônia, chegou a oportunidade de ajudar ainda mais a comunidade na qual estamos inseridos.

As turmas das quintas séries tiveram um tema de casa para as férias: recolher os lacres das latinhas durante o verão. No início do ano recebemos, em nossa sala de aula, alguns convidados que explicaram como funciona o Rotary, em Taquara e no mundo todo. Descobrimos que os lacrezinhos das latinhas de alumínio são enviados para uma metalúrgica, onde são transformados em folhas de alumínio. A partir daí, são criadas cadeiras de rodas, podendo ser alugadas ou até doadas para os necessitados.

Descobrimos, com esta visita bacana, que são necessários, para uma cadeira de rodas, 90 quilos de lacres - em torno de 128 garrafas PET grandes, cheinhas de lacres, somando aproximadamente 360.000 lacres.

Nossa Campanha continua! Cada sala de aula dos alunos do turno da tarde possui uma garrafa, que está sendo aos poucos preenchida pelos lacres.

Se você se sensibilizou e gostaria de ajudar, vá reunindo os lacres aí na sua casa e entregue no Colégio Santa Teresinha. Se cada um fizer a sua parte, teremos um lugar melhor para se viver, com pessoas mais felizes!



Sustentabilidade

começa nas relações pessoais

Irmã Elaine Jardim de Paulo
Colégio Maria Auxiliadora

Ao falar em sustentabilidade logo se pensa no desenvolvimento econômico e industrial, consumismo e o respeito à natureza. Porém, a sustentabilidade é um conceito muito mais abrangente, que deve ter início nas relações pessoais, com base no respeito mútuo entre as pessoas.

O descaso com a natureza está intimamente ligado a todas as crises que o mundo está vivenciando hoje, e uma relação sustentável com o meio ambiente só será possível quando aprendermos a cuidar de nós mesmos e dos outros.

Para sermos cidadãos ambientalmente corretos necessitamos primeiramente sermos pessoas que consigam analisar os próprios comportamentos em relação aos demais com quem convivemos. A importância disso se dá uma vez que, de uma forma não visível, tudo o que se mais produz no mundo são relações.

Todos os nossos atos são relações com coisas e pessoas: colegas, clientes, gestores, liderados, amigos, parentes, etc.

A sustentabilidade humana compreende quatro aspectos: o físico, o mental, o espiritual e o social. E é o ponto de partida dos efeitos e consequências nos diferentes ambientes: o familiar, o corporativo, o escolar e o da sociedade como um todo.

Falando do aspecto físico. Quais os cuidados que temos com nosso corpo na rotina diária? Da prática habitual de exercícios físicos à alimentação minimamente saudável, do número de horas adequadas de sono ao tempo destinado ao lazer e convívio com a família e amigos, do respeito à ergonomia na mesa de trabalho às pausas necessárias para restabelecer a circulação ou simplesmente respirar um pouco durante os dias excessivamente corridos e conectados?

Na perspectiva mental, que cuidados tomamos com os excessos que acometem nosso cérebro hoje em dia? Como administramos nosso tempo, nossa produtividade, nossas pausas, nosso check-list diário?

Passando para o aspecto espiritual, com que frequência paramos para refletir ou contemplar nossas vidas? Que cuidados temos para construir o silêncio interior, o autoconhecimento, o desenvolvimento de

uma consciência maior? Conseguimos, de fato, meditar sobre nossos projetos de vida, nossa missão individual e o quanto estamos alinhados com a direção maior no ritmo diário de nossas rotinas?

No aspecto social. Que tipo de interação temos em nossas relações com os outros? Começando com a família e os amigos, que qualidade de tempo destinamos a eles? E nas relações do trabalho, com colegas, chefes, alunos, pais, parceiros, que tipo de conduta adotamos?

Não basta economizar água e reciclar em casa, se não reduzimos nosso consumo. Não basta que uma cidade seja eco eficiente se ela mantém fortes desigualdades sociais. Não basta que a empresa, a escola tenha produtos e serviços eco sustentáveis, se as relações de trabalho e produção não são rentáveis para todos que fazem parte dos processos. Não basta que os carros usem combustíveis renováveis, se os congestionamentos se perpetuam e só aumentam...

Precisamos nos tornar hábeis na esfera das competências comportamentais que se manifestam de formas simples e eficazes como um sorriso, um bom dia, um estar perto ou ir ao encontro, companheirismo e cooperação, que ao final representam como estamos administrando nossa qualidade de vida.

E então, que tal começar a repensar nossas relações com o mundo que nos cerca, de forma sustentável?



Sagrado Coração de Jesus



3ª série



Gincana



Viagem de estudos a Rio Grande



Colocando a mão na massa



Celebração dia das mães

Nossa Sra. Estrela do Mar



Jogos de integração II



Passeio ciclístico



Celebração ecumênica da Páscoa



Centro de gravidade - o sapo equilibrista



Nível I explorando os espaços do Santa



Caça ao ninho - Páscoa

Santa Teresinha



Estudo das células



Trabalhando com o material dourado



Passeio de motoca - Educação Infantil



Observadores de pássaros



Homenagem às mães

Maria Auxiliadora



Equipes da XXV GINCEMA



Apresentação do dia das mães

Sagrada Família



Turno inverso - Hora de brincar



Séries Iniciais



Confecção de lembrancinhas para as mães

Madre Júlia



Preparação para a Páscoa



Intervalo - Semana Auxiliadora



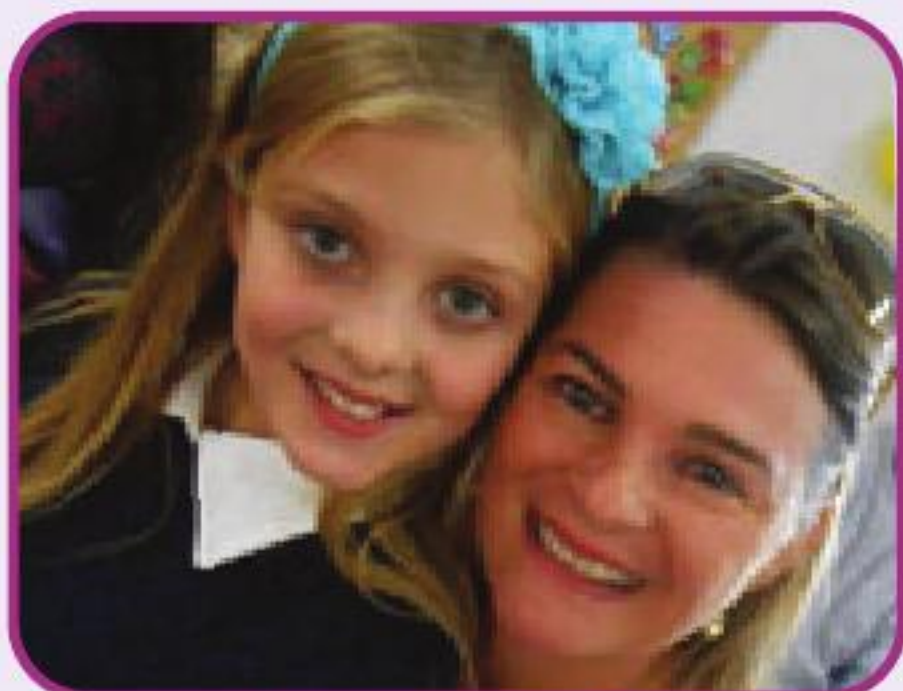
Aquecimento para iniciar a aula



Comemorações dos 80 anos da Escola



Festa da Família



Homenagem às mães



Homenagem a Monteiro Lobato



Pracinha reprogramada



Dia do índio

Maria Rainha

Santa Catarina



Visita à Feira do Livro



Atividade com tinta guache.

JUND



Encontro de Coordenadores em Canoas



Presença dos jovens da Coord. Estadual da PJE



Encontro com Assessores ND



Visita ao asilo em São Lourenço do Sul

Cidadania todos os dias:

o respeito às diferenças

Arlete da Rosa
Escola Sagrada Família

Com o objetivo de ampliar as habilidades cognitivas que resultem em atitudes éticas, tais como o diálogo, a tolerância, a empatia e o respeito às diferenças, os alunos do 2º ano trabalharam, nas aulas de Filosofia, o tema “Perceber e perceber-se”, que trata do corpo e da percepção deste pelo próprio sujeito e pelos demais. Afinal, o corpo de uma pessoa é o que a torna perceptível às outras. Além disso, o seu corpo faz com que perceba a si mesma e o mundo a sua volta por meio dos sentidos.

As atividades exploraram diferentes aspectos do corpo, tais como: a diversidade na sua aparência, as ações e as mudanças físicas, as percepções geradas pelo sentido e as deficiências, especialmente as sensoriais. Ao abordar as diferenças físicas, as crianças foram convidadas a percebê-las e a pensar sobre a importância das singularidades da aparência, pois estas contribuem para o reconhecimento da identidade de cada pessoa.

A partir disso, trabalharam os cinco sentidos que são utilizados para perceber a realidade a nossa volta e refletiram sobre as deficiências físicas e sensoriais, enfatizando as potencialidades e não as limitações da pessoa com deficiência.

A avó de uma aluna da turma, a professora Jussara Rheinheimer, especialista em Neuropsicopedagogia com intervenção cognitiva e Psicopedagogia e Educação Inclusiva, foi convidada a desenvolver algumas dinâmicas de sensibilização em relação ao assunto desenvolvido. Ao trabalhar sobre deficiências físicas, as crianças experimentaram a falta momentânea de um dos sentidos, do movimento de um membro, ou da possibilidade de falar. Após, conversaram sobre como se sentiram e, principalmente, como driblaram a limitação para realizar cada atividade solicitada. As crianças puderam perceber que o mesmo acontece com as pessoas com deficiência física que passam a utilizar outros sentidos, movimentos e partes do corpo, a fim de realizar as tarefas do cotidiano, o que pode levar a um desenvolvimento superior das capacidades de outros membros, órgãos ou sentidos.

Também aprenderam como as pessoas com deficiência visual se comunicam, sobre a linguagem de sinais - Libras e o alfabeto Braile. Aprenderam que, sempre



acompanhada da punção, a reglete é um dos primeiros instrumentos criados para a escrita Braile, para que pessoas cegas possam ler e escrever e foi adaptada pelo próprio criador deste alfabeto, Louis Braille. Ele usava uma prancha com uma régua que continha as celas do alfabeto para que qualquer letra pudesse ser escrita. Os alunos puderam vivenciar isso através da composição de letras do alfabeto braile, usando celas feitas com material reciclado. Usando a reglete registraram algumas letras em braile. Também observaram fotos da caneta leitora de braile e manipularam livros infantis escritos dessa forma, além de ouvirem um livro com áudio descrição, onde todos os detalhes são narrados.

Durante o desenvolvimento do tema foi realizada, pela monitora da Educação Infantil Débora Schierholt, a Hora do Conto contada em Libras.

Os alunos refletiram sobre como ajudar as pessoas com algum tipo de deficiência e entrevistaram a colega cadeirante sobre quais dificuldades enfrenta em seu dia a dia e de que forma podem ajudá-la.

A partir do tema “Perceber e perceber-se” foram integrados conteúdos de Filosofia, Língua Portuguesa e Ciências, que construíram bases para uma cidadania democrática e um agir responsável.

Nossa Senhora Estrela do Mar, Maria Rainha e Santa Catarina

celebram 80 e 75 anos

No dia 30 de abril de 2016 foi celebrado com um maravilhoso jantar, o aniversário da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar. Estiveram presentes muitas pessoas que fizeram parte deste longo percurso de 80 anos, com destaque para a presença das ex-diretoras da Escola. Tanta gente ajudou a construir essa fantástica história. Isso porque a escola é feita de gente. Gente que encarnou e transmitiu, com a vida e com as palavras, uma das máximas de Santa Júlia Billiart: "Façamos tudo o que pudermos para tornar o Bom Deus conhecido e amado por todos."

O grande compromisso de entregar à sociedade, não pessoas estéreis, mas pessoas conscientes e comprometidas, continua vivo hoje, correndo como sangue nas veias de cada um de nós que, atualmente, faz parte da equipe escolar, com os pés firmes na história e tradição de 80 anos construídos sobre valores fortes – bondade, firmeza e competência - mas com o olhar voltado para o horizonte, com esperança, dinamismo e coragem para não deixar morrer esse belo legado.



No Ano de 1941 o pároco Padre Laurentino Tagliari procurou uma congregação Religiosa para assumir a direção da Escola, que pertencia à Igreja Santa Catarina. Nascia ali mais uma escola Notre Dame. Localizada no município de Santa Maria a Escola Santa Catarina, comemorou seu Jubileu de 75 Anos de serviços prestados à educação de crianças e jovens no dia 21 de março de 2016.

Para comemorar a data, a escola foi convidada pelo Arcebispo Dom Hélio Adelar Rubert a participar da Celebração Eucarística, realizada na Basílica da Medianeira e transmitida ao vivo pela Rede Vida. Participaram os alunos da 6ª a 9ª série, acompanhados da direção, Irmãs, professores, funcionários e pais.

A Escola Maria Rainha completou 80 anos. Em 1º de março de 1936, cinco Irmãs, chegaram a Júlio de Castilhos, provenientes de Passo Fundo, e deram início às atividades na escola, com 107 alunos, com o objetivo do ensino regular das crianças e adolescentes, bem como a educação da fé. Em março de 1954, diante da necessidade de professores com habilitação para o Magistério, foi criada a Escola Normal Regional e implantado o ensino de 1º grau que hoje é reconhecido como Ensino Fundamental.

Para comemorar a data foram realizadas várias atividades: Gincana, missa de Ação de Graças, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade, almoço no CTG Júlio de Castilhos e homenagem às ex-diretoras, que passaram pela Escola Maria Rainha.



Ivoni
Lauck

50
anos



de dedicação e trabalho no Colégio Santa Teresinha